

Construir a casa: Elementos exploratórios para a compreensão dos conteúdos, do contexto e do processo de concepção arquitectónica da habitação unifamiliar

Marta Cruz*

Resumo

O projecto da habitação unifamiliar feito a partir de uma encomenda dos habitantes a um arquitecto é um processo que visa a diferenciação espacial e social e por isso, um processo em que se procura aderir a uma determinada forma e organização do espaço em detrimento de várias outras. No desenvolvimento desta solução arquitectónica específica, vocacionada para a espacialização de um modo de vida e de uma estrutura familiar, tanto quanto para uma particular interpretação do sítio e do contexto social e cultural, a definição da encomenda que baseia o projecto acompanha todo o percurso de concepção espacial. Este artigo faz uma abordagem ao processo de encomenda e concepção da habitação unifamiliar com o objectivo de compreender os conteúdos do programa que motiva a procura da forma arquitectónica, os contextos sociais e culturais que transportam as referências dos actores e ainda os processos que organizam o desenvolvimento do projecto da habitação unifamiliar.

Introdução

Ao falarmos da construção de uma casa referimo-nos em geral à sua construção física. Podemos no entanto, estar também a falar sobre o processo mental de construção da casa, que precede a sua edificação material e que, em geral, corresponde à fase do seu projecto.

Mesmo antes da sua existência concreta, a casa já é objecto de uma construção afectiva e identitária. Desde uma ideia primeira, modelada por colagens e fragmentos da vida ou da memória, desde o impulso da mudança e da vertigem sentida perante aquilo que é diferente, desde a necessidade que condiciona, desde

* Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

o desejo de uma casa nova que mais não é senão o desejo de uma vida nova, a casa está sempre em construção.

Assim, embora seja um trabalho delimitado no espaço e no tempo, a fase de projecto de uma habitação desenvolve-se com base em realidades, em dimensões e em ideias que podem ser tão distantes quanto abstractas. Elas formam um universo de referências que importa conhecer e comunicar quando se projecta uma nova casa, especialmente no caso em que o projecto de Arquitectura é desenvolvido com base numa relação directa entre o arquitecto e o cliente encomendante.

Fortemente marcado pela interacção e pela ideia de singularidade, o projecto da habitação unifamiliar encomendada representa uma forma particular e muito pontual de produção arquitectónica, que tem contribuído para alimentar a reflexão em torno da relação perfeita que se crê poder existir entre o modo de vida dos habitantes e o espaço físico da habitação.

Esta reflexão surge como um pensamento paralelo à situação mais frequente nas sociedades actuais – a habitação colectiva ou individual concebida na ausência do futuro habitante. Nesta situação o espaço da habitação é oferecido ao habitante sem que este possa intervir nas escolhas que presidem à sua concepção e o projecto de Arquitectura é desenvolvido tendo em conta os critérios gerais de uso do espaço doméstico e as necessidades dominantes de uma população previamente definida. Perante o desconforto que sentem relativamente à indiferenciação das habitações resultantes deste processo, as famílias e os indivíduos procuram soluções espaciais mais coincidentes com o seu modo de viver e, sobretudo, procuram um envolvimento mais significativo na tomada de decisões relativamente ao espaço da *sua* casa. Encontram diferentes modos de o fazer: a auto-construção da casa individual que subsiste em diversos contextos, nomeadamente no mundo rural, a opção pela cooperativa de habitação (unifamiliar ou plurifamiliar) que oferece a possibilidade de escolhas limitadas, a transformação e adaptação de uma habitação preexistente, ou a encomenda do projecto de uma nova casa a um arquitecto. Em todas estas situações o futuro habitante procura uma forte identificação com a casa, que passa, entre outros aspectos, pela possibilidade de decidir no sentido da particularização, adaptação ou negação de um modelo espacial dominante em termos de habitação.

O projecto de uma habitação unifamiliar encomendada a um arquitecto pelos seus futuros habitantes representa uma situação tida como privilegiada para a concepção do espaço doméstico, embora seja minoritário no panorama da produção da habitação em Portugal, e revele também ele as suas fragilidades, quer ao nível da qualidade da relação que se estabelece entre o arquitecto e o seu cliente, quer ao nível da desejada diferenciação espacial.

Dada a excepcionalidade e a riqueza da relação projectual que se estabelece entre o arquitecto e os seus clientes, pretende-se neste artigo¹ aprofundar o

¹ Este artigo baseia-se no mémoire de DEA intitulado “Créer l’espace domestique. La famille, l’architecte, le projet.” (Université Paul Cézanne Aix-Marseille III) concluído em 2003 sob a

conhecimento desta situação específica de produção da habitação unifamiliar, procurando compreender o pedido de espaços que impulsiona o projecto e a maneira como esse pedido vai sendo objecto de um debate que acompanha todo o desenvolvimento do projecto conduzindo muitas vezes à sua reformulação.

É uma reflexão que leva a olhar a produção arquitectónica de um ponto de vista simultaneamente endógeno e exógeno. Endógeno porque, mais do que o espaço, irá interessar a estrutura do processo de concepção espacial e a própria génese do projecto: a ideia que o impulsiona, a relação entre o conceito e a sua materialização, a compreensão do método, da linguagem e das intenções. Depois, é também um ponto de vista exógeno, porque o projecto envolve directamente a família encomendante, e com ela todo um universo de expectativas, de referências e de significados que, embora integrem sempre a concepção do espaço, são do domínio de disciplinas vizinhas da arquitectura. Aqui, a construção social e simbólica da casa, assim como o uso metafórico do espaço, são temas particularmente reveladores, que nos colocam no caminho de uma reflexão transdisciplinar.

O trabalho foi estruturado no sentido de confrontar o desenvolvimento da solução arquitectónica (através da análise e interpretação dos elementos gráficos do processo) com o discurso dos arquitectos e dos clientes (através da realização de entrevistas semi-directivas)². Para isso, incidiu sobre um número reduzido de situações concretas dado o carácter de excepção deste tipo de projecto no panorama da construção da habitação em Portugal. Foi feita uma abordagem exploratória que partiu ao encontro dos actores com um conjunto de questões ainda em aberto, que foram sendo objecto de reformulações e de reajustes face ao material recolhido em entrevista e à interpretação gráfica dos projectos. A análise do conjunto formado pelas diferentes fases de entrevistas aos arquitectos e respectivos clientes e pelas habitações em projecto foi feita em profundidade graças a “uma articulação cada vez mais fina entre teorização e observação” (KAUFMANN, 2006, p.24)³. Cada situação em estudo compreende a posição do arquitecto (em duas fases de entrevistas), a posição do(s) cliente(s) encomendante(s) (em duas fases de entrevistas familiares) e o projecto de Arquitectura resultante.

A atenção dirigida ao discurso dos actores revela-se especialmente útil na compreensão dos sistemas mentais que sustentam a produção do espaço. A entrevista é um instrumento que permite aceder a informações qualitativas relativas às experiências concretas dos indivíduos veiculadas essencialmente pela palavra.

orientação do professor Daniel Pinson (Université Paul Cézanne Aix-Marseille III) e da professora Carolina Leite (Universidade do Minho).

² No decorrer do texto surgirão referências ao material recolhido em entrevista que serão assinaladas genericamente com Arquitecto no caso dos excertos das entrevistas concedidas pelos arquitectos, e com Cliente no caso das entrevistas concedidas pelos clientes. Os desenhos que serão utilizados para ilustrar os conteúdos do texto são também da autoria dos arquitectos entrevistados, embora as plantas tenham sido tratadas graficamente de forma a evidenciar o sentido do texto que acompanham.

³ As citações de textos escritos em língua francesa foram traduzidas livremente pela autora.

A sua capacidade em revelar não apenas a lógica das acções mas também de as inserir em quadros de comportamentos e de referências mais alargados, é amplamente demonstrada na investigação em Ciências Sociais, e tem um significado especial quando utilizada num trabalho nascido no seio da Arquitectura.

Para um arquitecto, a explicitação das suas motivações e convicções é uma actividade secundária relativamente à actividade de concepção do espaço. No seu entender, a obra de Arquitectura tem a capacidade de se explicar e de se justificar a si própria, e a linguagem que emprega - as formas, o desenho, o volume, as texturas e as cores - deve também ser aquela que permite a sua compreensão.⁴ Colocado em situação de entrevista o arquitecto encontra-se perante o desafio que constitui a passagem de um saber implícito, empírico e intuitivo a um saber explícito, racional, transmitido pela palavra. Esta situação é particularmente estimulante para a reflexão sobre a concepção do espaço doméstico que se pretende conduzir, mas também o é para o próprio arquitecto que se confronta com as intenções e com a matriz conceptual que estruturam a sua abordagem ao projecto.

Do mesmo modo, a observação atenta dos elementos gráficos que documentam o processo de projecto permite a compreensão de um pensamento sobre o espaço que não é verbalizado nem comunicado. A análise e interpretação dos desenhos em diferentes fases permite reconhecer os momentos de tensão do projecto, as intervenções dos futuros habitantes na conformação do espaço e o tipo de comunicação gráfica estabelecida entre o arquitecto e os seus clientes, e permite ainda a reconstituição do método de trabalho do arquitecto. Para o arquitecto o desenho é um instrumento de observação, de análise e de interpretação da realidade e simultaneamente um instrumento de representação e verificação gráfica do processo mental de concepção do espaço.

Ao aproximarmo-nos, verificamos que a actividade de concepção do espaço tem por base um processo em que momentos e procedimentos distintos se interceptam, se alternam e se complementam fabricando a complexidade que o caracteriza. Este artigo procura desmontar essa complexidade, sabendo que num sistema complexo o todo corresponde não à soma, mas à relação entre as partes.

O percurso de definição da encomenda, que serviu como guia para penetrar nesse processo, revelou também que ele se organiza a partir da interacção entre inovação e síntese. Tanto quanto se constitui como um processo de inovação, procurando a expressão formal e material para um modo de vida, a produção da casa individual também pode ser definida como um processo de síntese, se pensarmos no exercício de convergência e de conciliação de elementos diversos que o projecto representa.

⁴ O arquitecto Álvaro Siza disse um dia “ O meu trabalho é construir, escrever textos não tem nada a ver com aquilo que eu faço.”

Um processo de inovação

A inovação percorre todo o processo de concepção do espaço doméstico encomendado a um arquitecto quase como uma ideia implícita, embora não se saiba como é formalizada, como surge relativamente às permanências e quem a transporta. Sendo naturalmente associada a este projecto, sente-se também que a procura da inovação no desenvolvimento da solução arquitectónica é variável, e que o desejo do novo é profundamente condicionado pelos diferentes contextos sociais e culturais.

Objecto arquitectónico

Começaremos por reflectir sobre a fase em que a habitação é pensada enquanto objecto arquitectónico em projecto, ou seja, a fase em que ela é pensada a partir do exterior e daquilo que é visível. Trata-se de considerar a morfologia da construção, a implantação do edifício no terreno, os materiais empregues, e relacioná-los com uma ideia de habitação e de Arquitectura que está subjacente ao projecto – o conceito.

Um conceito de intervenção arquitectónica é elaborado pelo arquitecto a partir do cruzamento de elementos diversos: o programa fornecido pelo cliente, o terreno físico sobre o qual será edificada a obra de Arquitectura e a sua própria matriz conceptual e cultural.

Destes, pensamos no pedido de espaços contido no programa como sendo o primeiro momento de introdução do novo na concepção do espaço. No entanto, a interpretação do discurso dos habitantes demonstra que nem sempre assim é: o programa, elemento desencadeador do projecto, é inicialmente muito vago, tipificado, limitado à identificação e à enumeração dos espaços, embora na sua origem contenha efectivamente a ideia da mudança.

“Então nós pedimos ao arquitecto e dissemos: no rés do chão queremos uma área social grande, que era a sala...Pronto: cozinha, sala e uma casa de banho, e em cima os quartos. Era isto.” **Cliente**

O futuro habitante deseja um espaço de habitação novo mas encontra uma grande dificuldade na expressão das qualidades do espaço que deseja, principalmente as que são mais difíceis de verbalizar ou de quantificar, tais como a necessidade de intimidade, a sensação de conforto ou de segurança, etc.. A sua experiência é essencialmente enquanto utilizador do espaço, permitindo-lhe fazer a distinção dos espaços que lhe são agradáveis dos que lhe são hostis, mas não a compreensão dos elementos que produzem as qualidades espaciais que desejam, “...os clientes em questão têm bem presente uma ideia da sua casa, um tipo em suma, mas não têm uma representação para esse tipo”(RAYMOND, 1984, p.48). É a partir do reconhecimento dessa dificuldade em definir um espaço em

conformidade com as suas aspirações que o habitante se torna um encomendante, recorrendo ao arquitecto para o projecto da habitação. A imprecisão e a generalidade dos conteúdos da encomenda são formas de manter em aberto a possibilidade de concretizar um desejo que ainda não possui uma forma concreta.

Na tarefa de definição do conceito que motiva a forma arquitectónica, o arquitecto trabalha os dados específicos transmitidos no programa interpretando-os em função de um campo de significação mais alargado e através de escolhas sucessivas. A solução arquitectónica resulta da interacção entre as formas e as intenções, entre o contexto e o programa, entre o geral e o particular, procurando a justa medida e a correcta posição dos elementos que compõem o projecto relativamente a uma ideia, a um conceito de base.

Se observarmos os esboços dos arquitectos verificamos a importância deste tipo de trabalho (Fig. 1). O arquitecto desenha a obra de um ponto de vista artificial, à *vol d'oiseau*, perseguindo essa ideia global, concisa, forte de projecto. Ele simplifica a sua estrutura de composição reduzindo-a a dois ou três elementos principais, procurando estabelecer uma hierarquia formal. Olhando o seu projecto de cima, como se fosse um objecto, o arquitecto procura dominar a articulação dos seus diferentes elementos e verificar o tipo de inserção no terreno. Este exercício será repetido frequentemente ao longo do processo de concepção do espaço.

“...a relação com o terreno, a composição dos temas dados pelos clientes, porque isto é um charuto, uma casa sobre o comprido, tipo combóio. Por isso, com uma força muito grande, com uma presença...É um gesto forte.

E depois poderá ser interessante a maneira como isto pousa no terreno, e a maneira como vai buscar as duas cotas principais que a casa tem, e a maneira como se relaciona com a pendente.” **Arquitecto**

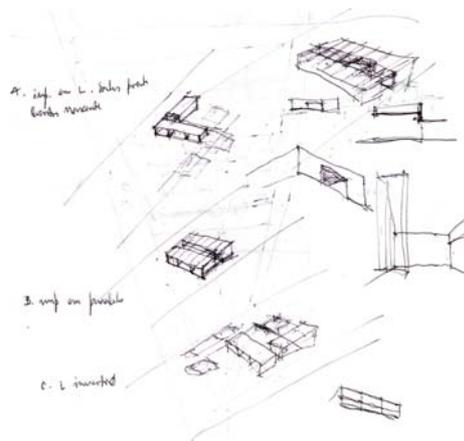


Fig. 1 – Esboço da fase inicial de um projecto de habitação unifamiliar.

Construir a casa: elementos exploratórios para a compreensão dos conteúdos do contexto...

Através da simplificação inerente a esta fase do projecto o arquitecto trabalha a relação entre o todo e as partes. É com base nesta relação que um novo objecto portador de sentido é criado como resposta a uma interpelação específica.

Inicia-se assim, um trabalho de concepção da habitação que relaciona o pedido enunciado pelo cliente com as condições físicas do terreno através da interpretação dos conceitos. Inovar é adaptar, individualizar e particularizar conceitos que são de carácter geral através de uma linguagem formal, tendo em vista a situação específica de cada projecto.

O espaço doméstico

Se, quando se fala da obra de Arquitectura do ponto de vista externo e objectual se considera essencialmente a parede, membrana que separa os espaços, e os elementos que a constituem (as portas, as janelas, os materiais), quando nos referimos ao espaço doméstico somos conduzidos a observar o interior ou o exterior que dela resulta. Aproximamo-nos do edifício de forma táctil e sensorial, apreendendo o espaço ao nível das dimensões do nosso corpo e ao nível das relações que os diferentes espaços estabelecem entre si.

Embora o espaço doméstico tenha origem no programa enunciado pelo cliente, os seus conteúdos são sucessivamente trabalhados e interpretados durante o projecto para que possam ser completados e especificados, ou mesmo reformulados. O pedido de espaços inicialmente dirigido ao arquitecto é definido de forma sumária tendo em conta o tamanho e a composição familiar, a natureza das funções a cumprir no espaço da casa e uma trajectória evolutiva da família: sintetiza o presente e perspectiva as situações futuras.

“É uma casa que para mim tem um significado muito especial porque eu gostava muito que o meu filho tivesse uma infância parecida com a que eu tive. De calçõesinhos, com as pernas todas arranhadas... A vida hoje num andar é complicada...” **Cliente**

Relativamente à inovação, a referência ao futuro surge como desejo de alcançar certas condições que os habitantes não possuem na habitação de que dispõem e como desejo de intensificar ou de qualificar as relações interpessoais que têm lugar na casa. Ainda que comunicado através de elementos concretos, o programa tem também uma origem imaterial que transporta o desejo do habitante de experimentar um modo de vida novo através de um novo espaço de habitar. Ele é a parte visível, palpável e verbalizável de uma realidade mental e simbólica muito vasta, por vezes inconsciente.

No momento em que se torna possível participar na concepção de uma nova casa, os futuros habitantes passam por uma experiência particular de vida familiar. É um momento forte de introspecção individual e de grupo no qual se procura mobilizar os gostos, as referências e as ambições para conseguir transpor um

quadro cultural e um modo de habitar para um espaço que poderá ser o espaço de toda uma vida. Para além de ser uma ocasião de importantes investimentos, simultaneamente económicos e afectivos como nos diz Bourdieu em “*Les structures sociales de l’économie*”, este momento implica “uma das decisões económicas mais difíceis e mais pesadas de consequências em relação a todo um ciclo da vida doméstica” (BOURDIEU, 2000, p.33). A participação no projecto de uma casa é exigente para todo o grupo familiar.

Poderíamos imaginar que uma casa concebida a partir das escolhas próprias dos habitantes, que por livre iniciativa encomendam um projecto a um arquitecto e que nele investem tempo, dinheiro e expectativas de forma considerável, apresentasse soluções espaciais absolutamente singulares, ou no mínimo, claramente divergentes em relação ao modelo dominante. Verificamos, no entanto, que isso raramente acontece. Vejamos o que nos diz a análise dos projectos escolhidos para este estudo.

Se do ponto de vista do objecto arquitectónico (ou seja, do ponto de vista do exterior) os projectos se distinguem uns dos outros e assumem uma linguagem e uma volumetria invulgares, do ponto de vista do espaço doméstico (do ponto de vista da forma e organização do interior) as soluções são relativamente uniformes, quer ao nível da morfologia do espaço, quer ao nível da diversidade funcional.

Podemos verificar a partir da leitura das plantas que a habitação se organiza numa divisão clássica dia/noite, que os compartimentos se articulam e associam de modo convencional (cozinha – sala, quarto – casa de banho, cozinha – zona de refeições) e que as divisões são elas próprias bastantes regulares em termos de forma (mais ou menos um rectângulo) (Fig. 2).

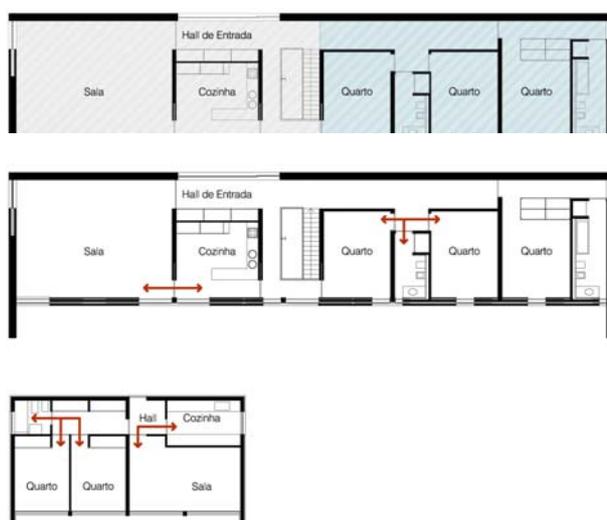


Fig. 2 – Plantas de dois dos projectos de habitação unifamiliar em estudo, sem escada.

Assim, o espaço interior da habitação é bastante estável quer em termos sincrónicos (tendo em conta as variações na localização), quer em termos diacrónicos (tendo em conta as variações temporais). Marcada por um inegável desejo de inovação, a encomenda da habitação unifamiliar é na verdade condicionada. A expressão da singularidade observa-se principalmente nas zonas ditas públicas da casa (na sala, na entrada, no seu espaço exterior) e quase nunca nas zonas íntimas (nos quartos, nas casas de banho, nos espaços de serviços e arrumos).

O projecto da habitação unifamiliar surge na sequência de várias experiências em habitação colectiva que em geral ficam aquém das expectativas dos habitantes. A par dessa experiência, os habitantes constroem em permanência o tipo de habitação que consideram ideal, conservando “a esperança, sempre intensa, de um modo de alojamento diferente, que subsiste sempre nos utilizadores, até ao momento em que eles podem materializar o seu sonho” (RAYMOND, 1974, p.50).

A encomenda de uma habitação nova a um arquitecto representa assim, a possibilidade de demarcação relativamente ao tipo de habitação corrente, o apartamento, principalmente nas relações com o espaço exterior (o jardim) e no aumento da superfície da casa, e não, como seria de supor, a possibilidade de usufruir de um espaço doméstico *sui generis*.

Para o habitante é muito difícil desejar um espaço do qual não tem a experiência directa, pelo que recusa soluções arquitectónicas demasiado afastadas do seu quadro cultural. Os arquitectos encontram nos seus clientes uma enorme resistência à experimentação, uma vez que “os gostos e as preferências dependem essencialmente da experiência do consumidor que se mostra muito mal preparado para aferir o valor de soluções novas.” (CHOMBART DE LAUWE, 1967, p.55)

O desejo de inovar é assim confrontado com o risco que representa a escolha de um espaço original. Como disse *Jean Michel Léger* “uma Arquitectura forte é uma Arquitectura arriscada” (LEGER, 1990), seja o risco de o habitante não se adaptar (risco individual), seja o risco de ser mal conotado pela estranheza provocada pela sua habitação (risco social).

O universo ao qual a família pertence e com o qual estabelece permanentes relações, determina grande parte dos valores estéticos, culturais e mesmo morais a contemplar na concepção de uma nova casa. Por isso, os elementos inovadores não são absolutos, mas relativos. Tanto quanto deseja o novo, o habitante deseja também a familiaridade e a integração social e formal da sua habitação.

O modo de vida

Também o modo de vida é uma realidade em construção neste tipo de projecto. Habitualmente estudado enquanto exercício de síntese, o modo de vida que é tido em conta para a definição da encomenda e desenvolvimento do projecto da casa individual demonstrou relacionar-se mais estreitamente com a inovação. A sua

definição faz-se paralelamente à reflexão sobre os diferentes espaços da habitação, “*au fur et à mesure*”. É uma ideia que se vai materializando, mesmo para os próprios habitantes, enquanto se consolidam as bases do projecto e por isso o modo de vida não constitui um dado de partida, mas sim uma dimensão em projecto.

Os arquitectos demonstram um interesse remoto relativamente à maneira como os seus clientes organizam e vivem o quotidiano. Interpelados a este respeito, as respostas são evasivas e a sua expressão fecha-se, deixando supor que consideram este assunto como exterior em relação à produção arquitectónica. Pelo seu discurso compreendemos que o arquitecto trabalha essencialmente sobre os dados contidos no programa o qual, como vimos, resume mais as aspirações do que as rotinas.

Para o arquitecto, a forma como o habitante utiliza e se apropria do espaço doméstico relaciona-se com a habitação de que dispõe, constituindo-se como uma adaptação, como um facto circunstancial. Do seu ponto de vista o modo como vivem as pessoas é o resultado de um certo espaço e não um dado estável ou permanente. O cliente vive de determinada maneira no presente, mas no futuro e em função de uma nova habitação o seu modo de vida será alterado. O projecto de Arquitectura, concebido a partir do programa, proporcionará (do ponto de vista do arquitecto) um quotidiano mais interessante e mais facilitado, e é construído como alternativa à situação actual.

“...eu acho que a qualidade arquitectónica tem e deve ter esta capacidade de mudar a vida. No sentido de trazer mais alegria, mais luz, mais bem-estar, mais qualidade de vida. Nesse aspecto acho que a Arquitectura deve propor uma mudança.” **Arquitecto**

Na formulação do pedido, a explicitação do modo de vida da família encomendante é também muito contida. O discurso dos futuros habitantes sobre a sua vida quotidiana incide essencialmente sobre os elementos que estão ausentes da sua habitação e que eles desejam para uma nova casa.

Falam muito do desejo de serem surpreendidos pelo arquitecto e do desafio mental e emocional que constitui deixarem-se seduzir pela nova casa.

“...foi uma das coisa que eu aprendi. É que fazer o projecto é uma coisa que se deve propor ao cliente que demore um ano. Porque o cliente tem que assumir, tem que assimilar o projecto, tem que passar a gostar... E não é à pressa que faz isso, quer dizer, não se pode fazer depressa. É uma coisa que precisa de maturação.” **Cliente**

Pelo seu discurso percebe-se que existe uma distância que é necessária entre o presente e o futuro, entre aquilo que o cliente é e aquilo que ele pretende vir a ser. É um processo de redefinição, de reinvenção de si mesmo, mas é um exercício

Construir a casa: elementos exploratórios para a compreensão dos conteúdos do contexto...

feito em dois momentos distintos e é aqui que reside a complexidade do processo.

Os hábitos e as rotinas são, sabemo-lo, a memorização de uma cultura. Têm origens profundas, são incorporadas por cada um como uma parte de si próprio. Mudar de hábitos é natural quando mudam as circunstâncias que os perpetuam, mas neste caso o habitante deve esforçar-se por visualizar um modo de vida antes que uma situação física exista para condicionar e favorecer essa mudança.

Assim, a concepção do espaço não se refere aos hábitos, mas aos desejos e às ambições de cada um. O cliente não procura o arquitecto para conceber um espaço para a sua vida actual, mas para a vida que ele ambiciona, dado que a casa representa ela própria um novo modo de vida.

Isto não quer dizer que o modo de vida, os hábitos e as rotinas não sejam contemplados na concepção do espaço, quer se queira quer não, eles aparecerão com toda a força ao longo do projecto. Todavia, o cliente deste tipo de projecto não se encontra numa trajectória de continuidade, mas num situação de ruptura relativamente a um modo de vida e a uma casa que já não servem as suas aspirações. Esta perspectiva legitima o recurso ao arquitecto: o cliente sonha com uma vida da qual não tem a experiência directa, mas que imagina. E imagina-a como consequência de um certo tipo de espaços.

Um processo de síntese

Em Arquitectura, o projecto é usualmente definido como um exercício de síntese na medida em que é uma interpelação, ou seja, um exercício que permite a integração de elementos e realidades diversos a partir de uma situação concreta e específica. No processo de concepção do espaço da habitação unifamiliar, os arquitectos e os seus clientes directos enfrentam a necessidade de fazer escolhas em conjunto. O que implica partilhar os conceitos, precisar a linguagem, clarificar as intenções - numa palavra, interagir. Veremos que essa interacção é o resultado de um processo de síntese que se desenvolve em dois níveis diferentes.

O confronto com as referências individuais

Do ponto de vista individual, a síntese produz-se no interior de cada indivíduo. Maioritariamente qualitativo, porque combina factores objectivos (os factos) com factores subjectivos (as sensações, os juízos de valor, os gostos), um processo de síntese é um processo dinâmico porque novos factos ou ideias podem originar novas sínteses, e ainda largamente pessoal porque é um exercício que utiliza a memória e a experiência.

Os actores do processo de concepção do espaço doméstico produzem continuamente sínteses que permitem o desenvolvimento do projecto. No caso dos futuros habitantes, eles fazem desde há muito tempo um exercício de síntese que lhes permite ir construindo um conjunto de ideias e de imagens relativamente

ao espaço doméstico. Mas este exercício é ainda incompleto porque se baseia na experiência que possuem relativamente ao espaço de habitação a qual, como vimos, é muitas vezes limitada. O arquitecto com o seu trabalho propositivo desempenha aqui um papel importante como motivador de uma procura individual de conceitos e de referências do próprio cliente, sugerindo espaços ou funções para o espaço que ainda não tinham sido pensadas, ou estimulando uma reflexão acerca do sentido dos pedidos do cliente. Esta procura é muitas vezes referida como esgotante, tanto para os habitantes, como para o próprio arquitecto.

“É altamente complexo e implica um processo de descodificação, de fazer vir à tona as referências imagéticas, as imagens de espaços, as noções de conforto, de vivência, de hierarquia entre os espaços, as formas de utilização,.. Que são coisas que implicam muito tempo, muita conversa, muita interacção.”

Arquitecto

Confrontados com os espaços em projecto, com as formas, os habitantes redefinem-se, elaborando uma imagem deles mesmos e do espaço da casa. As sínteses assim produzidas são a base da sua adesão ao projecto. Uma solução é boa se, confrontada com a experiência, com a memória, pode associar-se a um juízo de valor favorável ou a uma sensação positiva. O arquitecto também está sujeito a um exercício de síntese individual quando projecta. É, no entanto, uma síntese muito diferente daquela que faz o seu cliente porque se relaciona mais estreitamente com o seu universo profissional do que com o seu universo pessoal. Os arquitectos referem-se com frequência à necessidade de trabalhar a coerência entre o projecto que têm em mãos e o conjunto das suas obras e convicções.

“O passo seguinte, ou o nível seguinte em termos de dificuldade é que, naturalmente, nós temos as nossas próprias convicções, temos os nossos alinhamentos estilísticos ou genealógicos...e eu tenho que trabalhar dentro dessa linha.” **Arquitecto**

A proposta de Arquitectura que elaboram representa mais do que uma proposta de espaços, é uma proposta cultural que define um modelo estético e intelectual construído previamente, mas que só se materializa em confronto directo com a situação de projecto. Esta preocupação é tão forte que, no caso de uma incompatibilidade entre as suas convicções e as do cliente, o projecto pode ser totalmente posto em causa e não continuar. A coincidência entre uma ideia (que é abstracta e anterior ao projecto) e a sua formalização (que é concreta e conjuntural) deve ser total.

Finalmente, podemos dizer que a síntese individual é um mecanismo particularmente operativo que permite integrar a subjectividade, a memória e as sensações, e assim conferir um carácter artístico à produção do espaço doméstico.

Construir a casa: elementos exploratórios para a compreensão dos conteúdos do contexto...

“É arte. É uma arte. Como tudo aquilo que traduz coisas que são razoavelmente abstractas e complexas em formas que se podem apreciar e ver de forma concreta, é arte.” **Cliente**

O confronto com os universos de referência alargados

Discutida em relação aos universos de referência, a síntese designa um processo diferente daquele processo individual e criativo de que se falou no ponto anterior. Aqui, estendemos o olhar a um campo mais alargado de forma a compreender o modo como a trajectória e o tipo de inserção social dos indivíduos também condicionam o desenvolvimento do projecto. Se anteriormente se falava de um processo de coerência interna, agora trataremos de um processo de coerência externa.

Este exercício nasce da necessidade sentida por todos nós em nos definirmos enquanto indivíduos relativamente a uma sociedade ou a um grupo restrito e de simultaneamente, definir pontos de referência que orientem as nossas acções ou atitudes. Assim, teremos em consideração os grupos e não os indivíduos. Como diz *Jean-Claude Kaufmann*, “O indivíduo não existe enquanto entidade autónoma, independentemente da sua envolvente social. (...) tornamo-nos nós próprios no encontro com aqueles que nos rodeiam, que fazem de nós o que somos.” (KAUFMANN, 1992, p.101)

O trabalho de investigação que baseia este artigo foi conduzido no sentido de levar os actores a pronunciarem-se sobre um universo mais vasto do que a própria situação de projecto em causa. Junto dos habitantes foi estimulada a reflexão sobre a história da casa, sobre o percurso familiar, e aos arquitectos foi-lhes pedido que se referissem à sua atitude profissional em geral. Havia a ideia intuitiva de que seria neste conjunto de referências mais alargadas que uma quantidade de comportamentos aparentemente inexplicáveis, tais como a recusa do arquitecto em rever certos aspectos do projecto, ou a obstinação dos clientes em escolher certos materiais, pudessem tomar sentido.

Com efeito, as pertenças sociais, estéticas ou ideológicas são uma espécie de tema tabu que dificilmente se aborda ou se explicita durante a entrevista. As referências aparecem, no entanto. Mais sugeridas do que afirmadas, e sobretudo muito diluídas no discurso.

No quadro da Arquitectura contemporânea é invulgar que um arquitecto se situe voluntariamente no seio de qualquer movimento ou ideologia. Os arquitectos preferem assumir uma posição individual, estruturada pelo contexto específico de cada um dos seus projectos, deixando aos críticos o discurso sobre as pertenças ideológicas ou estéticas. Consciente de que possui referências e de que adere a atitudes projectuais que são comuns a alguns dos seus colegas, o arquitecto pensa no entanto que é mais interessante começar o seu projecto do zero, no vazio, mesmo que utópico.

Em termos de método para o desenvolvimento do projecto, não existe um caminho ou enunciado lógico que permita avançar do geral para o particular nem o contrário, mas antes uma dialéctica, um modo intuitivo de verificação e de perseguição da coerência formal e conceptual da obra. O arquitecto trabalha por experimentação, caso a caso, rejeitando uma fórmula capaz de resolver todos os projectos.

Se observarmos os desenhos dos projectos podemos notar que na mesma folha coexistem esboços de uma fase mais detalhada e desenhos do projecto numa fase mais embrionária, ou o contrário. O arquitecto trabalha ao mesmo tempo diferentes elementos e diferentes escalas revelando uma abordagem sistémica às questões levantadas pelo projecto. Ou seja, mais do que cada elemento em particular, o arquitecto trabalha as relações entre os vários componentes do projecto, através de escolhas por vezes minúsculas, mas decisivas. (Fig. 3)

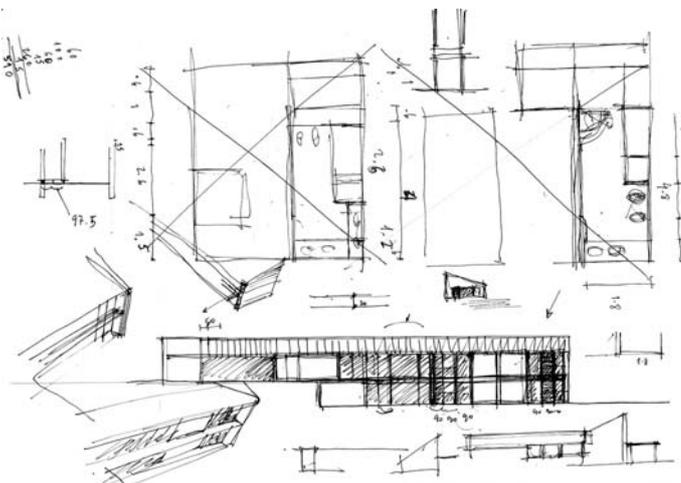


Fig. 3 – Esquisso de um arquitecto para o projecto de habitação unifamiliar.

A obra de Arquitectura é assim frequentemente o resultado de “um processo necessariamente confuso, pouco explícito e até desarticulado” (ALVES COSTA, 1986, p.11). É possível, contudo, penetrar nesse processo. O processo de concepção do espaço é um processo múltiplo, complexo e plural, mas não é ininteligível.

Veremos então que as referências (imagens, conceitos ou ideologias) aparecem, não a montante como origem da reflexão sobre o espaço ou como tema da prática do projecto, mas no decurso de um processo criativo que integra continuamente uma grande variedade de elementos.

De maneira diferente, as referências que baseiam a relação que o arquitecto estabelece com o seu cliente são claramente explicitadas. Esta relação depende

Construir a casa: elementos exploratórios para a compreensão dos conteúdos do contexto...

em larga medida do modo como define a sua posição profissional e o seu tipo de trabalho. O arquitecto explica com à-vontade o que espera do seu cliente, qual é o seu papel enquanto criador do espaço e as condições de que necessita para trabalhar. Recorre muitas vezes a comparações com outras profissões, demarcando-se de algumas e aproximando-se de outras.

“Não sei... Eu acho que desenhar uma casa é um bocado como ir a um costureiro pedir um vestido. Quer dizer, a pessoa quando vai pedir um vestido não vai dizer que quer o vestido vermelho, cintado, com um decote... Vai esperar que alguém lhe diga. Diz o que é que quer: quer um vestido para um casamento. Mas não vai dizer que quer o vestido assim, assim, e assado, não é...” **Arquitecto**

Este tipo de discurso por analogia procura legitimar a sua atitude profissional e comunicá-la ao cliente de forma simples e eficaz. O arquitecto pretende assim conduzir a relação de forma subtil, evitando assumir posições mais firmes. No entanto, se no início ou no decorrer do projecto se fizer sentir a necessidade de corrigir comportamentos ou atitudes do cliente, o seu tom torna-se mais generalizado, referindo-se à Arquitectura como profissão ou disciplina. Neste caso o arquitecto fala em nome colectivo.

“Porque a pessoa que vai pedir uma casa não vai dizer: ‘*Olhe, eu quero o quarto à direita, a sala à esquerda e a cozinha ao fundo.*’ Quer dizer, isso não faz sentido! Aí estão a interferir no objecto de análise, que é o programa tratado sob o ponto de vista da Arquitectura. O que é que uma pessoa pode fazer com alguém que chega aqui e diz o que quer? (...) Aí o arquitecto não tem função nenhuma!” **Arquitecto**

Começa aqui a definição de um quadro de referências que aponta para um universo mais vasto. As profissões têm uma história na sociedade. Mesmo no seio da sociedade contemporânea que encontra na liberdade individual um princípio fundador, as profissões continuam a sugerir quadros culturais e modos de vida reconhecíveis, que são tema de inúmeros trabalhos de investigação em Ciências Sociais. As preferências culturais, os hábitos de consumo, a organização dos tempos de lazer, os gostos, enfim, todos os elementos que constituem esse quadro alargado, interagem e modelam a atitude profissional do arquitecto.

Interpelado enquanto profissional, o arquitecto desenvolve um discurso centrado na prática do projecto, mas que transporta elementos que pertencem ao seu universo social e cultural.

A posição dos arquitectos e dos habitantes em termos sociais e culturais manifesta-se num aspecto sensível do desenvolvimento da solução arquitectónica: a relação interpessoal que se estabelece no decurso do projecto. A riqueza, e consequente operatividade, dessa relação depende em larga medida do consenso

que possa existir acerca de considerações mais genéricas sobre a sociedade e acerca do modo como interpretam os espaços físicos que lhes servem *de suporte*. As convicções dos actores são muitas vezes divergentes mas é imprescindível conciliá-las para que o projecto avance.

Na tentativa de ultrapassar as diferenças, o diálogo é necessário para a compreensão dos motivos e das convicções de cada um. No entanto, se os quadros culturais forem demasiado afastados torna-se difícil aceitar que é válido aquilo que diz o outro: o arquitecto e o cliente ouvem-se, mas não se compreendem. Nesta situação, o projecto só pode avançar com recurso à confiança, uma espécie de fé que permite aceitar sem uma compreensão total, sem certeza.

“Eu e a minha mulher temos confiança no trabalho do arquitecto. (...)E vê-se, vê-se que a casa, depois de alguns anos e algumas cabeçadas, e depois de se ter dado o benefício da dúvida em algumas situações, acabamos por achar que realmente valeu a pena ter deixado andar.” **Cliente**

É imprescindível que o cliente se reconheça na solução arquitectónica, uma vez que essa identificação com o espaço doméstico constitui o motivo principal do seu recurso ao arquitecto. No entanto, os instrumentos de representação dos espaços em projecto (as plantas, os desenhos à vista, as maquetas, etc.) são em geral insuficientes para uma exacta percepção da solução arquitectónica. A adesão ao projecto por parte do futuro habitante depende de uma compreensão do projecto que se pretende o mais aproximada possível, mas para a qual a leitura dos desenhos não bastaria por si só. É o discurso do arquitecto, o seu trabalho de explicação, de explicitação e de demonstração que conquistam os seus clientes. Sem este exercício, que é quase uma *tradução* dos elementos gráficos do projecto, o futuro habitante não tem a certeza de que aquela casa em projecto corresponda a uma efectiva *tradução* ou *interpretação* do seu pedido inicial.

Inicialmente na origem de um certo afastamento nas posições de cada um, o quadro cultural favorece também esta atitude de partilha e de confiança, que em rigor não é isenta de riscos.

“Eu digo-te, eu admiro imenso os clientes, porque eles têm mesmo que acreditar. Por mais que se possa explicar e tentar esclarecer, eles nunca vão perceber o que estamos a propor até a casa estar construída. Eles estão a arriscar tudo!” **Arquitecto**

A capacidade em fazer este investimento depende desta retaguarda silenciosa formada pelo universo de referência de cada um.

Conclusão

O processo de concepção do espaço é um processo criativo que conserva um carácter marcadamente subjectivo e interpretativo que é impossível desvendar por completo. Apesar disso, dedicar uma particular atenção à sua compreensão parece útil, tanto do ponto de vista da reflexão disciplinar sobre a Arquitectura, como do ponto de vista da reflexão sobre o modo como as pessoas se relacionam com os espaços físicos do seu quotidiano.

A aproximação desenvolvida através dos conceitos de inovação e de síntese permitiu penetrar no interior do processo e compreender alguns dos mecanismos que organizam a passagem de um pedido verbal, a encomenda, a um espaço que lhe seja correspondente.

Uma grande parte do processo de concepção do espaço mostrou-se reservada à consideração de realidades imateriais ou abstractas cujos conteúdos não são objectivos nem precisos. Porém, pela importância que demonstram ter no desenvolvimento da solução arquitectónica, a reflexão a este respeito não estaria completa sem ter em conta este espaço de trabalho fluído e quase aéreo, a que podemos chamar de trabalho de idealização.

Por um lado, é possível reconhecer nos actores deste processo uma grande preocupação com os papéis a desempenhar. A transmissão destas preocupações através de um tom impressivo e declarativo visa principalmente estabelecer a diferença entre o certo e o errado, entre o bom e o mau, entre o real e o ideal.

Observar a maneira como o arquitecto e o cliente se olham e se julgam (a eles mesmos e um ao outro) permite compreender que, embora se baseie com frequência em ligações pessoais iniciadas anteriormente ao projecto, a relação entre eles é profundamente codificada. Sendo o resultado da interiorização de um certo número de regras que definem aquilo que desejam ser e fazer, o ideal de si aponta também para a idealização do papel do outro. Assim, o arquitecto e o cliente desejam ver no seu interlocutor o perfil que lhes permita cumprir o papel que idealizam para si próprios, uma espécie de negativo de si. Este exercício de auto-definição merece ainda um pouco mais de atenção, dado o desfasamento existente entre a imagem que os actores transmitem aos outros e a imagem que têm deles mesmo. Vejamos o que dizem os clientes e uma arquitecta a propósito desta.

“E depois qualquer coisinha que a gente queira mudar, ela é muito acessível. Ela está sempre disponível para todas as pequenas modificações.”

Cliente

“... e também eu não sou muito paciente e não tenho o espírito de estar ali a convencer militantemente o cliente. Tenho um bocado as ideias fixas. Ou a pessoa se identifica com o projecto ou não se identifica.” **Arquitecta**

As condicionantes particulares de cada situação, a relação de interacção com o outro, as questões a resolver com o projecto, e mesmo os acontecimentos do quotidiano conduzem por vezes as acções num sentido diferente daquele considerado ideal. No entanto, a imagem do perfil ideal persiste como um pensamento guia. Ainda que as circunstâncias do momento condicionem os comportamentos, os gestos e as atitudes, a referência ao ideal estrutura a realidade mental e prática de cada indivíduo.

Por outro lado, a referência ao ideal integra continuamente a concepção do espaço e está presente nas diferentes dimensões do projecto, tanto quanto os elementos mais concretos.

O projecto de uma habitação unifamiliar encomendada é muito mais do que o projecto de uma casa. Sendo o processo que gera este tipo de habitação um processo único e pouco frequente, a casa assim concebida apenas partilha com as outras uma pequena parte do seu significado.

Ao optar por este tipo de projecto, o futuro habitante possui um conjunto de ambições que o distinguem desde logo e das quais ele tem uma consciência muito clara. Assim, o habitante poderá estar tão interessado em obter uma casa que corresponda às suas necessidades e expectativas como em definir uma determinada posição e estatuto cultural. O projecto da habitação é também um meio para alcançar benefícios imateriais.

Do mesmo modo, o arquitecto refere muitas vezes o seu trabalho ao conjunto dos seus projectos, à produção arquitectónica contemporânea, ou ao papel do arquitecto na sociedade. O arquitecto pode, por exemplo, interessar-se por experimentar soluções construtivas ou certos materiais sem que isso tenha uma efectiva ligação com os dados concretos do projecto que tem em mãos. A estrutura da casa não é sempre, nem apenas, o resultado de uma reflexão sobre o quotidiano. Isto verifica-se quando um arquitecto trabalha uma organização do espaço em que procura concentrar os serviços ou alterná-los com os diferentes espaços, ou quando, no alçado, procura trabalhar o ritmo das aberturas alternando os cheios e os vazios (Fig. 4). Aí, ele encontra-se perante um exercício exterior à situação física e humana que gerou o projecto e desenvolve um trabalho de conceptualização e de comunicação de um estrutura abstracta que se refere à própria disciplina.

A obra de Arquitectura vem assim inserir-se num quadro mais alargado, em que o projecto, a habitação, são as partes visíveis e concretas da vasta significação que inevitavelmente comporta.

O questionamento a este respeito partiu da convicção de que este projecto, desenvolvido com base na partilha e na conciliação de universos diferentes, estaria mais próximo dos hábitos e do modo de vida dos habitantes. Os testemunhos recolhidos e trabalhados demonstram que nem sempre é assim. O projecto comporta uma dimensão muito forte de sonho, de sonho de uma vida que, na maioria das vezes, não é aquela que o habitante tem, mas aquela à qual aspira. A casa é vista

Construir a casa: elementos exploratórios para a compreensão dos conteúdos do contexto...

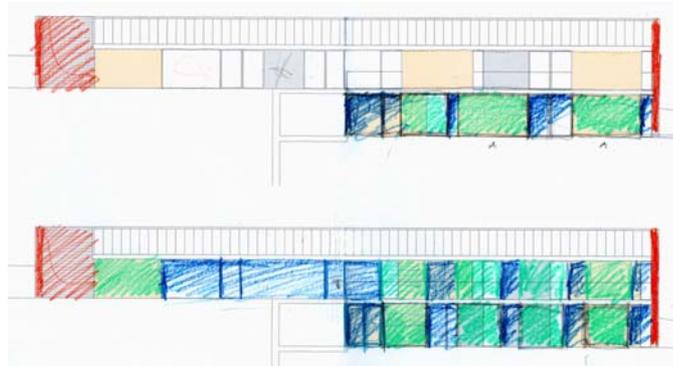


Fig. 4 – Desenho para estudo de alçado de habitação unifamiliar (sem escala).

como “símbolo de um grupo social com o qual procuramos identificar-nos.” (DEVILLERS, 1974, p.20).

Assim, embora a encomenda da casa unifamiliar feita a um arquitecto pelo seu futuro habitante possa não privilegiar especialmente os usos e os modos de vida, ela permite no entanto, a correspondência entre as aspirações dos habitantes e o espaço construído. Seria interessante poder verificar se esta correspondência é o garante da satisfação ou se dizemos como *Jean Michel Léger* que “do mesmo modo que o exercício da cidadania não é suficiente para garantir a felicidade do cidadão, o da participação não garante por si só a satisfação do habitante” (LÉGER, 1990).

Finalmente, a casa é uma construção afectiva, mental e identitária. As dimensões práticas ligadas à manutenção da casa ou aos custos de conservação não fazem parte do discurso dos futuros habitantes. O ritmo de vida por eles próprios descrito dificilmente comportará o tempo de lazer e de descanso que motivaram a escolha de determinadas características da casa e que orientaram o projecto (piscina, sala de jogos, zona de churrasco, e mesmo o próprio jardim). A construção de uma casa é a construção de um sonho, do qual a realidade arquitectónica é apenas um sinal: o desejo de uma casa nova não é outro senão o desejo de uma nova vida.

Bibliografia

- ALVES COSTA, A., *Recuperação de algumas notas, talvez a propósito.*, in *Páginas Brancas*, Porto, FAUP ESBAP - Arquitectura, 1986.
- BOURDIEU, P., *Les Structures Sociales de l'Economie*, Paris, Le Seuil, 2000.
- CHOMBART DE LAUWE, P. H., *Famille et Habitation. Sciences Humaines et Conception de l'Habitation*, Paris, Editions du CNRS, 2e éd. 1967.
- DEVILLERS, C., *Typologie de l'Habitat et Morphologie Urbaine*, in *L'Architecture d'Aujourd'hui* n°174, Boulogne, juillet - août 1974, p. 18-22.

Marta Cruz

- ELEB, M.; DEBARRE, A., *Architectures de la Vie Privée. Maisons et Mentalités - XVII-XIX siècles*, AAM/ Hazan, Bruxelles/ Paris, 1999, 2^e Édition.
- KAUFMANN, J.-C., *La Trame Conjugale. Analyse du Couple par son Linge*. Paris, Nathan, 1992.
- KAUFMANN, J.-C., *L'Entretien compréhensif*, série *L'Enquête et ses Méthodes*, Paris, Armand Colin, 2006.
- LEFEBVRE, H., *La Production de l'Espace*, Paris, Anthropos, 1986.
- LÉGER, J. M., *Derniers Domiciles Connus: Enquête sur les Nouveaux Logements 1970-1990*, Paris, Créaphis, 1990.
- PINSON, D., Usage et Architecture, collection *Villes et entreprises*, Paris, L'harmattan, 1993.
- RAYMOND, H., *L'Architecture, les aventures spatiales de la Raison*, CCI/ Centre Georges Pompidou, Paris, 1984.
- RAYMOND, H., *Commuter et Transmuter: La Sémiologie de l'Architecture*, in *Communication* n°27, 1997, p 103-111.
- RAYMOND, H., *Habitat, Modèles Culturels et Architecture*, in *L'Architecture d'Aujourd'hui* n°174, Boulogne, juillet - août 1974, p 50-53.
- RAYMOND, H. et M. G. A.; HAUMONT, N., *L'Habitat Pavillonnaire*, CRU, Paris, 1966, *prefácio de H. Lefebvre*.

Bâtir la maison: éléments exploratoires pour la compréhension des contenus, du contexte et du processus de conception architectonique de l'habitation familiale.

Résumé

Le projet d'une habitation unifamiliale commandée à un architecte par ses futurs habitants est un processus de différenciation sociale et spatiale qui cherche à faire la correspondance entre un mode de vie en particulier et un espace domestique qui lui soit correspondant. La définition de la commande, élément déclencheur du projet, suit tout le long de ce processus d'échange entre le client et l'architecte visant la création spatiale. Dans cet article on s'intéresse à comprendre la production de l'habitation individuelle au moyen de l'interprétation de la commande et du programme, tout en considérant les rapports interpersonnels entre les acteurs de ce processus, les contextes sociaux et culturels qui transportent leurs références et les mécanismes de production de l'espace.

To build the house: exploratory elements for understanding contents, context and the architectural process of conception of the family house

Abstract

The client, a future inhabitant, demands the architect for the designing of his single family house. Searching for a specific space that matches the client's own lifestyle, they both conceive the house that becomes a factor of social and spatial differentiation.

Here we are interested in comprehending the processes that involve the production of the house, being it the interpersonal relations between the actors, the social and cultural contexts and the procedures of an architectural conception